

## **DA RUA PARA A ESCOLA: GRAFITE, DISCURSO E CIDADANIA.**

Angelina Maria Luna Tavares Duarte – GEUR/UEPB

SEC/PB

[angelinaduarte60@gmail.com](mailto:angelinaduarte60@gmail.com)

### **I. INTRODUÇÃO**

As práticas pedagógico-curriculares, por um longo período, priorizaram a cultura canônica, reproduzindo *apartheids*, por ignorarem expressões culturais oriundas das periferias urbanas, como, por exemplo, o grafite.

Considerando o redimensionamento de paradigmas antes “inamovíveis”, subsidiamo-nos pela perspectiva intercultural na educação – (SACRISTÁN, 1995), (JORDÁN, 1996), (SILVA, 1996), (CANDAU, 1997), a fim de direcionar o olhar, neste artigo, para o inadiável diálogo entre a escola e as experiências desses atores juvenis, a partir da análise do discurso produzido por eles na urbe contemporânea.

Para tanto, estabelecemos como objetivos: identificar aspectos políticos e ideológicos subjacentes à construção discursiva (texto, prática discursiva e prática social) do grafite; e refletir sobre relevância da inserção dessas práticas identitárias juvenis no ambiente educacional, como forma de reconhecimento da cidadania a expressões culturais alternativas.

### **II. METODOLOGIA**

A reflexão aqui apresentada é um recorte de nossas investigações sobre o grafite (no mestrado e no doutorado), cujo direcionamento teórico-metodológico se referenciou pela Teoria social do Discurso (Fairclough, 2001), tendo, como corpus analítico, inscrições urbanas dessa manifestação da cultura de rua (DUARTE, 2006) e excertos de narrativas de história de vida de grafiteiros/as (DUARTE, 2010), no recorte espacial da cidade de Campina Grande – PB.

Seguimos uma abordagem na linha metodológica qualitativa, de viés interpretativista, estabelecida no domínio das investigações exploratórias de viés documental (MOREIRA E CALEFFE, 2006), uma vez que consideramos os textos escritos e orais dos sujeitos das duas pesquisas como documento. Para a coleta dos excertos escritos, fizemos um levantamento fotográfico. Para a dos orais, trabalhamos com cinco entrevistas de história de vida – metodologia da história oral (BENJAMIN, 1987), (PORTELLI, 1997), (ALBERTI, 2004, 2005).

Sabendo que, em qualquer construção discursiva, há marcas decisivas do processo sócio-histórico com o qual tal discurso interage, analisamos excertos linguísticos do discurso do grafite (86 fotografias e 5 narrativas), das quais, a título de ilustração, apresentaremos uma amostragem no próximo item deste artigo.

### **III. O DISCURSO DO GRAFITE COMO PRÁTICA POLÍTICA E IDEOLÓGICA**

O processo analítico desse discurso nos remete para uma significação político-ideológica que revela uma luta do grafite por espaços na cultura e na sociedade (e por que não dizer, também, na educação?). Os textos são igualmente marcados por aspectos das assimetrias sociais, assim como pela agência discursiva de grafiteiros/as, o que sugere sua capacidade diretiva para atingir uma ascensão sociocultural.

Tais resultados foram possíveis pela identificação, no **nível textual** desse discurso, das seguintes estratégias linguísticas:

- a) a predominância de termos que se referem às condições sociais assimétricas:

**É nós na fita e os playboy no DVD / Poucos com muito... muitos sem nada / Nordeste, fome da porra! / Até quando? “Descaso total”, subdesenvolvimento, mão-de-obra barata, coronelismo vivo! – Nordeste / Só pixo ônibus porque papai trabalha limpando / Desordem e regresso, porém Pátria Amada!!!**

- b) ao preconceito contra o grafite:

**Preconceito, inimigo da arte hip hop.**

**O preconceito tá aí. Houve esse preconceito por o grafite ter surgido no gueto, por ter surgido como ato de protesto, ainda carrega, como é que se diz, essa bagagem, essa fama de ato ilícito, de ato de vândalo. Tá muito associado à classe baixa, à marginalidade. (GORPO)**

- c) à possibilidade de mudança dessa situação excludente:

**Reação da periferia / Todos unidos na mesma ideologia! / Liberdade de expressão Criar sem pedir licença um mundo de liberdade.**

**Sempre convivi com esse povo, com a classe baixa, com problemas sociais, e sempre foi me indignando, me causando fúria, e eu encontrei na arte uma forma de me expressar, de tentar melhorar, amenizar um pouco os problemas sociais. (GORPO)**

**Assim, por fora de posto de saúde fechado, a pessoa colocava: Um**

absurdo! Coisas assim, protestava com o governo, com político, com tudo o que me incomodava. [...] Aí fiz meus protestos, eu queria mostrar a todo mundo o que eu pensava, mas a televisão não é aberta pra todo mundo, a gente não tem meio nenhum de falar o que a gente tem vontade, então foi o jeito que eu encontrei. (INSANA)

Recebi uma notícia muito feliz, antes de ontem, eu e ZECA, que a gente vai sair num documentário sobre o grafite na Paraíba, e daqui de Campina, as únicas duas pessoas de Campina que tã dentro desse documentário. É uma vitória, Pô, a gente conseguiu. Nós estamos lá representando Campina. (ZNOCK MORB)

Cada vez mais os livros, os materiais sobre esse tipo de arte sobre esse tipo de estilo de vida, eles têm aumentado. A quantidade de material que tá sendo lançado, o interesse das pessoas, tudo isso tem aumentado. Eu acho que isso foi o reconhecimento, sabe? (NAAH)

Vocês hoje tã pintando porque alguém sofreu no passado. Levar tapa da polícia, como eu levei, como SAGAZ levou, em dois mil e tarará atrás, de sofrer preconceito, da sociedade xingar. Hoje em dia é muito fácil. Hoje em dia qualquer pessoa pode pegar uma tinta e pintar, porque tá liberado. Tá liberado. (ZNOCK MORB)

Esse discurso também delineou valores defendidos por eles/as, pela representação que fazem do mundo (**Respeito é pra quem tem/ Tem que ter humildade**); sinalizou para a constituição ativa da identidade individual do sujeito adolescente e da identidade construída a partir do sentimento de pertença a um grupo (**Grapixo é nós/ Para os manos da rua**); e contribuiu para a constituição de relações contraditórias entre grafite e sociedade (**Foda-se o sistema!!**)

No nível da prática discursiva, os sentidos refletem processos de luta hegemônica. Considerada como uma prática “marginal”, a produção do grafite contribui, para que grafiteiros/as vislumbrem tanto uma possibilidade de legitimação do seu discurso, quanto da sua condição cidadã.

Por fim, no nível da prática social, há um processo de retro-alimentação, uma vez que aspectos sócio-históricos influenciam a produção desse discurso, ao passo que o grafite devolve, no discurso, os efeitos dessas relações assimétricas à sociedade, na busca do reconhecimento do seu discurso e de sua identidade.

#### IV. “MUROS” EDUCACIONAIS, MUROS DO GRAFITE E CIDADANIA

A educação, inspirada, por muito tempo, nos moldes da cultura hegemônica de caráter monocultural e nas propostas homogeneizantes da globalização neoliberal, negligenciam o “outro” colocando-o num *apartheid* cultural. Essa perspectiva direcionou a educação e as práticas pedagógico-curriculares que, enclausuradas dentro de seus “muros”, sequer sonhavam com a existência dos muros do grafite. “A escola, histórica e tradicionalmente, tem sido vista como cumprindo uma tarefa de homogeneização social e cultural” (SILVA, 1996, p. 191)

Opondo-se a essa visão reducionista, a perspectiva intercultural na educação, implica em processos de negociação, interlocução e articulação entre universos culturais distintos, abrindo espaços de convivência, nos quais valores e discursos de grupos e indivíduos minoritários sejam contemplados. Interculturalidade, portanto, passa a ser concebida como um processo contínuo de favorecimento a uma relação dialógica e democrática entre as culturas e os grupos subalternos. (CANDAU, 1997, p. 5). Desfaz-se, pois, a lógica de perenização do padrão secular de classificação funcionalista da cultura. Vislumbram-se espaços para a inclusão da força criativa das múltiplas expressões da cena urbana, as quais ainda não tiveram foro privilegiado na educação, entre as quais está o grafite.

Jórdan (1996, p. 11-12), por sua vez, amplia essa noção, quando afirma que essa perspectiva surge, não somente por razões pedagógicas, mas principalmente por motivos sociais, políticos, ideológicos e culturais. “Consciente e inconscientemente se produz um primeiro velamento que afeta os conflitos sociais que nos rodeiam quotidianamente.” (SACRISTÁN, p.97).

Assim sendo, interculturalidade, como desejável horizonte democrático e como ideal pedagógico, não prescinde de uma efetiva prática pedagógico-curricular cotidiana.

Portanto, nada mais justo que, desse ponto de vista, o grafite possa, também, romper os muros educacionais, postura essa que se coaduna com o desejo de grafiteiros/as expresso num discurso que, ao estabelecer atitudes pró-ativas de questionamento de um totalitarismo que esmaga os fracos, os interesses locais e as minorias, demonstra seu papel do agenciamento – exemplo de um protagonismo que há muito se tem feito necessário para a concretização de uma genuína democracia.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desse discurso remete para uma significação político-ideológica, que revela a luta do grafite por uma hegemonia, evidenciando-se, sobretudo, a proeminência de aspectos pertinentes ao agravamento das assimetrias sociais.

Também a agência discursiva dos/as grafiteiros/as sugere a capacidade diretiva desse grupo, em prol de uma mudança das condições sociais assimétricas vivenciadas por eles/as e por um grande número de outros sujeitos sociais.

Defendemos, pois, a inserção das expressões do grafite na esfera educativa, já que a inclusão das diversas manifestações da cultura pressupõe considerar a diversidade, inserindo também, nesse debate, aqueles que tiveram ou têm sua voz silenciada e que foram postos à margem dos processos interculturais, sociais e políticos. Essa noção ampliada de cidadania inclui, em seu bojo, direitos culturais do cidadão, valorização das múltiplas tradições e culturas, devendo, também, contribuir para a criação de espaços de expressão e representação de cada uma delas.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. F. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In V. M. F. Candau (org.). **Magistério: Construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DUARTE, Angelina. “**Se essa rua fosse minha, eu mandava grafitar!!!**”: a construção discursiva do grafite de muro em Campina Grande – PB. 2006. 202 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006.

\_\_\_\_\_. **A sociedade “secreta” de pichadores/as e grafiteiros/as em Campina Grande – PB**. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

JORDÁN, J.A. **Propuestas de educación intercultural para profesores**. Barcelona: CEAC, 1996.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural; in: Silva, T.T. e Moreira, A. (org) **Territórios Contestados**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. **Identidades Terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.